

RELATO DE EXPERIÊNCIA: O PROGRAMA “APRENDER PARA VALER” EM ESCOLA MUNICIPAL DE SALVADOR PELO OLHAR DE RESIDENTE DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA UFBA

Anna Louise Vasques Mendes dos Santos¹
Leda Macedo de Souza²
Giovana Cristina Zen³

Em 2021, A Secretaria Municipal de Salvador aderiu ao programa “Educar para Valer”, que a partir do sucesso no processo de alfabetização no município de Sobral, Ceará, passou a colaborar com outros municípios do país. Na capital baiana, o programa foi instituído com o nome “Aprender para Valer”, além de outras mudanças.

Voltado para as séries dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o programa tem como objetivo, promover a alfabetização em idade regular e elevar o nível de ensino em Língua Portuguesa e Matemática para atender ou superar as expectativas de avaliações externas.

Apoiado pela Fundação Lemman e pela Associação Bem Comum, o “Aprender para Valer” é apresentado como instrumento de apoio a professores em sua formação e atuação. O projeto está articulado com o Referencial Curricular Municipal para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e os cadernos do programa “Nossa Rede”, outro programa da Secretaria Municipal de Educação de Salvador.

Muitos são os programas e projetos educacionais disponibilizados e, por vezes, cobrados na Rede Municipal de Ensino. Há casos em que essas ferramentas advêm de diferentes concepções pedagógicas e possuem interesses conflitantes. T tamanha variedade de propostas e, exigências, limita a autonomia do docente em sala de aula, por ocupar parte da carga horária e apresentar ideias das quais os professores discordam.

A professora do 3º ano do Ensino Fundamental junto aos residentes, realiza atividades que possam ser executadas por todos os alunos segundo a condição de cada um. Para tanto há momentos em que as crianças se ajudam e aprendem umas com as outras, em grupos e em duplas. O projeto “biblioteca de classe” é um exemplo de trabalho que pode ser conduzido e

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - BA, annalouise.0911@gmail.com;

² Pós-graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental com Ênfase em Alfabetização pela Faculdade de Vitória - ES, ledamacedo2009@gmail.com;

³ Pós-Doutora em Alfabetização pelo Centro de Investigación y de Estudios Avanzados - MX, giovanacristinazen@gmail.com;

aproveitado por todas as crianças enriquecendo seu repertório linguístico e cultural e desenvolvendo comportamentos leitores em todas crianças.

Concomitante a essa riqueza de experiência, alguns alunos dessa escola ainda realizam tarefas massivas e repetitivas que trabalham pouco mais do que separação silábica, através do caderno “Relembrando” do “Aprender para valer”. Os textos apresentados no caderno, são praticamente representações imagéticas, estão postos apenas por convenção e tem a utilidade de conter algumas das palavras a serem trabalhadas posteriormente. Não há qualquer movimento de compreensão textual. E o que pode ser percebido no programa é o contrário, textos ignorados.

Essa formatação ilustra a afirmação de Emília Ferreiro (2001) quando diz que a informação escolar é normalmente descontextualizada. Enquanto fora das escolas o mundo apresenta diversas expressões da língua, que por mais equívocas que sejam, ainda são realistas e interessantes por fazerem parte de uma situação comunicativa, as instituições de ensino ainda vivem presas a uma “bolha” de abstrações, como por exemplo, separação de sílabas à exaustão e escrita de redações, gênero estritamente escolar.

Temos que auxiliar essas crianças em seu caminho para a alfabetização, mas levando em conta sua inteligência e não as tratando como ignorantes. Elas colocam questões legítimas — algumas delas de grande relevância epistemológica — ao pensar a escrita; a mesma escrita reduzida, banalizada e deformada pela tradição escolar, que converte didaticamente um objeto cultural complexo em um instrumento de codificação rudimentar. Alfabetizar, sim, mas sabendo que a criança, sujeito da aprendizagem, é um ser pensante; que a ação educativa pode apelar para sua inteligência, exatamente para não inibir a reflexão nascente. (FERREIRO, 2013, p.33)

O programa “Aprender para Valer” é tradicional e técnico. O método de alfabetização que orienta a proposta é sintético e parte de uma perspectiva metodológica de valorização da produção no menor tempo possível. Os textos presentes são limitados em termos de qualidade literária, são pouco utilizados, não há qualquer informação além de perguntas, nada que possa ser aprendido, as questões são muito objetivas, tudo bastante pragmático. Porém, em defesa de uma educação emancipatória, ética e inclusiva corroboramos com Zen, Molinari e Nascimento (2020) ao afirmarem que

A escrita é um elemento importante da cultura e as crianças já nascem herdeiras desse legado. No entanto, como toda prática cultural, ela não é um conhecimento social pronto e acabado. Para compreender o que significa o ingresso nas culturas do escrito é preciso observar as diversas práticas sociais de leitura e escrita que acontecem fora

da escola, nos mais variados contextos sociais nos quais as crianças possuem uma efetiva participação. (ZEN, MOLINARI; NASCIMENTO, 2020, p.274)

O material, em termos físicos, também deixa a desejar, pela edição, diagramação, papel utilizado e ausência de cores. Nada muito atrativo. Sendo assim, o caderno “Relembrando” é bastante útil para relembrar o passado.

Outro material deste programa é o “Caderno de Fluência”, em que pequenos textos, ou agrupamento de frases, devem ser lidos pelas crianças enquanto a professora avalia a prosódia (ritmo e entonação adequados), observa a precisão (no máximo três erros) e contabiliza o tempo (no máximo 36 segundos).

Todos os “textos” possuem o mesmo tipo de construção, frases simples separadas por ponto final, nenhum outro tipo de oração, e pouquíssimo sentido ou relevância, extremamente técnico e de caráter examinador.

O programa resulta e demonstra a pressa de alfabetizar os estudantes, principalmente, os que ultrapassaram a idade adequada para alfabetização. Seus métodos são os que foram anos ou décadas atrás amplamente utilizados nas escolas. E eles funcionaram e ainda podem funcionar quando se entende alfabetização apenas como processo de codificar e decodificar o sistema da escrita. Esse nível pode ser alcançado por diferentes métodos, através de aprendizagens mais ou menos sofridas.

Quando os conhecimentos leitores são reconhecidos como mais do que o reconhecimento de grafemas e fonemas e as crianças são percebidas em suas demandas, potencialidades e processos de construção, conclui-se que programas como o “Aprender para Valer” não dão conta de diversos aspectos já estudados sobre aprendizagem e alfabetização.

Palavras-chave: Educação; Alfabetização; Avaliação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, à Universidade Federal da Bahia – UFBA, e à Escola Municipal Casa da Providência, pelo apoio, à orientadora Giovana Cristina Zen, pela orientação e confiança, e à preceptora Leda Macedo, pela parceria e paciência durante a construção do trabalho.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**. São Paulo: Cortez, 2013.

FERREIRO, E. **Reflexões Sobre Alfabetização**. Tradução: Horácio Gonzales (et al). 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ZEN, G.; MOLINARI, M.; NASCIMENTO, A. (2020). As práticas cotidianas de leitura e escrita na escola como um direito da infância. *Práxis Educacional*, 16 (41), 255-277. Em *Memoria Acadêmica*. Disponível em:

http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.11971/pr.11971.pdf Acesso em: 26.ago.2023.